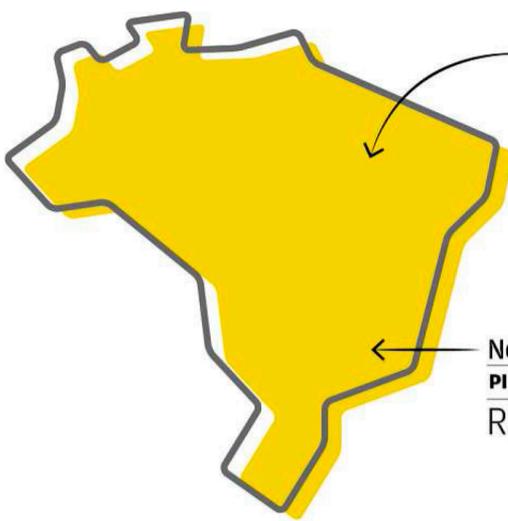


DETALHES

PIB

PRODUTO INTERNO BRUTO

É um indicador de fluxo de novos bens e serviços finais produzidos durante um período e apresenta uma síntese da economia. Não representa qualidade de vida: cidades com PIB elevado podem ter indicadores sociais baixos.



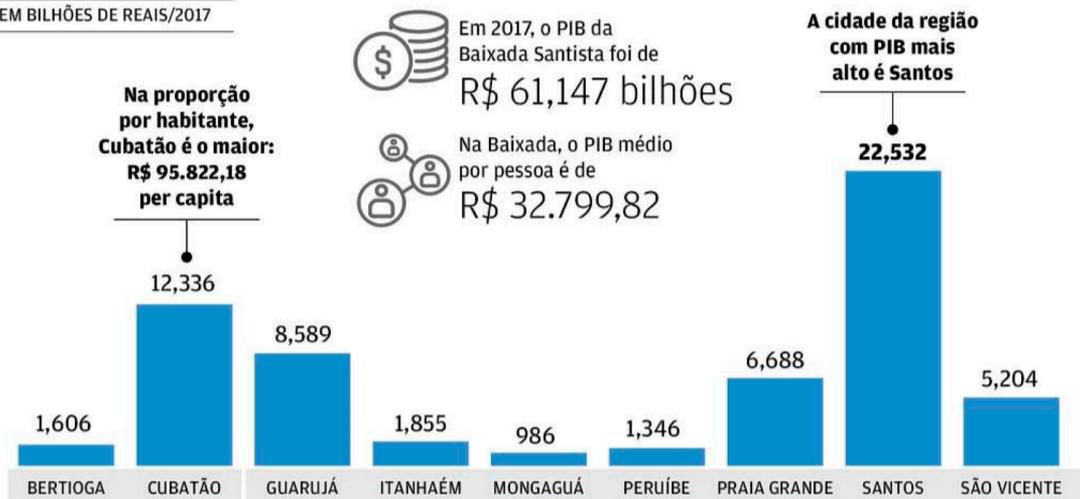
No Brasil
PIB TOTAL/2017
R\$ 6,583 trilhões

POR CIDADÃO/2017
R\$ 31.833,50

No Estado de São Paulo
PIB TOTAL/2017
R\$ 2,119 trilhões

PIB por cidade

EM BILHÕES DE REAIS/2017



Em 2017, o PIB da Baixada Santista foi de R\$ 61,147 bilhões

Na Baixada, o PIB médio por pessoa é de R\$ 32.799,82

A cidade da região com PIB mais alto é Santos

Entre 5.570 municípios...

O maior PIB do Brasil é o da cidade de São Paulo
R\$ 699,288 bilhões

O menor PIB do Brasil é o de Santo Antônio dos Milagres (PI)
R\$ 12,992 milhões

Proporcionalmente...

O PIB per capita mais alto é o de Paulínia (SP)
R\$ 344.847,17

O mais baixo PIB por pessoa é o de Novo Triunfo (BA)
R\$ 3.285,04

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

ARTE MONICA SOBRAL/AT

Região perde espaço na economia do País

Participação da Baixada Santista no PIB encolhe ao longo dos anos, também no Estado

RAFAEL MOTTA

DA REDAÇÃO

A Baixada Santista está participando menos do crescimento econômico do Estado e do País. A cota regional no Produto Interno Bruto (PIB), que mede a produção de bens e serviços, caiu de 2016 para 2017, indicam os cálculos mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cubatão puxou o resultado local para baixo.

Entre um ano e outro, a região passou de 2,91% para 2,90% do PIB paulista e de 0,95% para 0,92% do total nacional. Em 2002, por exemplo, eram 3,30% em relação a São Paulo e 1,16% no Brasil.

O principal motivo é o enfraquecimento do Polo Industrial cubatense. Primeiro, veio a concorrência da exploração de petróleo no Rio de Janeiro, no Espírito Santo e no Nordeste. Em 2012, após uma década, caiu de 1,03% para 0,38% da atividade econômica brasileira. Agora, sofre com o poder da indústria chinesa.

Cubatão não voltou ao nível anterior. Fechou 2017 representando 0,58% do PIB nacional, abaixo do 0,65% registrado no ano anterior. Santos, portuária, também decaiu: de 1,22% em 2002 para 1,06% em 2017, mas tem estabilidade (veja infográfico).

Em parte, o crescimento das demais cidades da Baixada — à exceção de São Vicente, estagnada — tem

PROPORÇÃO ESTADUAL

(Participação no Estado, em %)

Cidade	2002	2012	2017
Bertioga	0,05	0,08	0,08
Cubatão	1,03	0,38	0,58
Guarujá	0,37	0,36	0,41
Itanhaém	0,07	0,07	0,09
Mongaguá	0,03	0,04	0,05
Peruíbe	0,05	0,07	0,06
Praia Grande	0,22	0,28	0,32
Santos	1,22	1,08	1,06
São Vicente	0,26	0,25	0,25

Fonte: IBGE

EM NÍVEL NACIONAL

(Em %)

Cidade	2002	2012	2017
Bertioga	0,02	0,03	0,02
Cubatão	0,36	0,12	0,19
Guarujá	0,13	0,12	0,13
Itanhaém	0,03	0,02	0,03
Mongaguá	0,01	0,01	0,01
Peruíbe	0,02	0,02	0,02
Praia Grande	0,08	0,09	0,10
Santos	0,42	0,35	0,34
São Vicente	0,09	0,08	0,08
Estado de São Paulo	34,85	32,38	32,20

Fonte: IBGE

sido consequência do aumento da população em Praia Grande e nos extremos sul (até Peruíbe) e norte (Bertioga), que demanda mais produtos e serviços.

Outro problema é histórico: segundo o cientista político Alcindo Gonçalves, coordenador do Instituto de Pesquisas A Tribuna (IPAT) e estudioso da evolução econômica da região desde o período colonial, a Baixada sempre foi depen-

dente de fatores externos para se desenvolver.

Gonçalves exemplifica: para exportar café por Santos, abriram-se ferrovias e se ampliou o Porto; para atender demandas nacionais por combustíveis e metais, surgiram as indústrias; com ciclo do gás e do petróleo do pré-sal, construíram-se estruturas públicas e privadas.

Depois que todos esses períodos influenciados de fo-

ra para dentro passaram, a região não encontrou opções próprias consistentes para manter força econômica e gerar empregos. É por isso, diz Gonçalves, que a lenta retomada da economia nacional ainda não se traduz em resultados na Baixada — que sofre primeiro os efeitos da crise e demora mais para sair deles.

UNIÃO E PROJETOS

Alcindo Gonçalves destaca iniciativas como o Inova Baixada Santista, uma instituição da sociedade civil sem fins partidários e que busca desenvolvimento a abertura de empregos com qualidade de vida.

O cientista também vê com otimismo o futuro Conselho de Desenvolvimento Econômico de Santos, a ser constituído por entidades da sociedade civil organizada e que, como em Maringá (PR), deverá dispor de um corpo técnico para estudos e planejamento.

Para Rodolfo Amaral, especialista em Finanças Públicas e diretor da Data Center Brasil, concretizar três projetos elevaria o PIB regional: o Complexo Empresarial Andaraguá, a ampliação do retroporto em Guarujá e a expansão da Riviera de São Lourenço.

O Andaraguá, em Praia Grande, reuniria um aeroporto de cargas e um condomínio industrial numa área de 5 milhões de metros quadrados. E a terceira fase da Riviera, em Bertioga, representaria investimentos de R\$ 15 bilhões, de acordo com Amaral.